



USO VARIÁVEL DA CONCORDÂNCIA VERBAL EM CONSTRUÇÕES DE VOZ PASSIVA SINTÉTICA NA ESCRITA DE TEXTOS JORNALÍSTICOS CEARENSES

VARIABLE USE OF THE VERBAL AGREEMENT IN
 SYNTHETIC PASSIVE VOICE CONSTRUCTIONS IN THE
 WRITING OF CEARA JOURNALISTIC TEXTS

Hugo Leonardo Pereira Magalhães*, Hebe Macedo de Carvalho**

RESUMO

Este estudo¹ tem como objetivo analisar a variação da concordância verbal em construções de voz passiva sintética, à luz dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]). Os dados foram coletados em dois jornais da cidade de Fortaleza, considerando os gêneros textuais: editorial, artigo de opinião e notícia. Os resultados indicam que 59,5% das ocorrências apresentam o verbo com marca explícita de plural em relação ao sintagma nominal posposto no plural. Formas verbais perifrásticas e infinitivas favorecem a não concordância verbal, nesse tipo de construção. O gênero notícia desponta com maior percentual de formas verbais sem marca flexional de plural em relação ao SN posposto.

Palavras-chave: concordância verbal; voz passiva sintética; jornais cearenses.

ABSTRACT

This study aims to analyze a variation of verbal agreement in synthetic passive voice constructions, in the light of the theoretical-methodological assumptions of Variationist Sociolinguistics (LABOV,

* Professor do Instituto Federal do Ceará (IFCE), Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT), mestre em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8701-9182>

** Professora do Departamento de Letras Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade do Federal do Ceará (UFC). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3192-3831>

¹ Este artigo constitui um recorte da dissertação de mestrado intitulada *Análise sociofuncionalista da variação de concordância verbal em construções de voz passiva sintética em textos jornalísticos cearenses*, defendida no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará.

2008 [1972]). *The data were collected in two newspapers in the city of Fortaleza, considering the textual genres: editorial, opinion article and news. The results indicate that 59.5% of the occurrences present the verb with an explicit plural mark in relation to the noun phrase postponed in the plural. Peripheral and infinitive verbal forms favor verbal non-agreement in this type of construction. The news genre emerges with a higher percentage of verbal forms without a plural plural mark in relation to the postponed SN.*

Keywords: *verbal concord; synthetic passive voice; newspapers of Ceará.*

1 INTRODUÇÃO

Para a gramática tradicional (ALMEIDA, 2005; BECHARA, 2005; CUNHA; CINTRA, 1985; LIMA, 1999), o sintagma nominal posposto ao verbo, na chamada *voz passiva sintética*, é considerado sujeito e, portanto, recomenda-se a concordância verbal (verbo-sujeito). Haug (2014), Kury (1990) e Luft (1988) seguem essa mesma orientação.

Lima (1999, p. 390) adverte que “atenção especial deve merecer a concordância de verbo acompanhado da partícula “se” e seguido de substantivo *no plural*: venderam-se todos os bilhetes” (grifo do próprio autor). Bechara (2005, p. 563) pontua também que “a língua padrão pede que o verbo concorde com o termo que a gramática aponta como sujeito”.

Convém destacar que a realização da variante sem a marca explícita de plural, como podemos perceber nas sentenças (1) e (2), retiradas da nossa base de dados, tem ocorrido em contextos linguísticos considerados representativos do que se reconhece como norma culta² (escrita), a exemplo de textos jornalísticos, que “necessitam de uma linguagem mais ou menos uniformizada para exercer suas funções de formação (e, sobretudo, de conformação) da opinião pública” (BAGNO, 2011, p. 52).

- (1) [...] nesse texto **se garante** as conquistas sociais³
- (2) [...] para que **se compreenda** os seus reais interesses⁴

Observe que nas construções (1) e (2) os verbos estão no singular sem concordar, portanto, com os sintagmas nominais (SN) pospostos no plural, contrariando a advertência prescritiva. De posse desse fato linguístico, este estudo tem como objetivo descrever e analisar a variação de concordância verbal em construções⁵ de voz passiva sintética, na escrita de textos dos jornais cearenses *O Povo* e *Diário do Nordeste*. Este estudo selecionou e coletou, nos textos escritos jornalísticos, construções de voz passiva sintética com verbos no plural (ocorrências 3 e 4) con-

² Estamos considerando como norma culta a concepção adotada por Faraco (2008, p. 172) como sendo a norma linguística praticada, em determinadas situações (aquelas que envolvem certo grau maior de monitoramento), por aqueles grupos sociais que têm estado mais diretamente relacionados com a cultura escrita. Convém expor que a expressão culta escrita difere, em certos aspectos, da expressão culta falada. Ela é, em certo sentido, mais conservadora, embora seja cada vez mais visível a entrada na escrita de estruturas antes apenas comuns na fala culta, como se pode ler em Scherre (2002) e Bagno (2003, 2009).

³ *Diário do Nordeste*, 10 ago. 2016.

⁴ *O Povo*, 1 out. 2016.

⁵ Adotamos aqui o termo construção como nome geral para a reunião dos elementos formais linguísticos no vocábulo, na locução, na oração e assim por diante. A distinção fundamental é entre a construção vocabular (reunião em vocábulo) e a construção sintática (reunião em oração, em membro de oração, em grupo de orações) (CÂMARA JÚNIOR, 1985, p. 84).

cordando com o SN plural posposto, e construções de voz passiva sintética com verbos sem marca de plural (ocorrências 1 e 2) em relação ao SN plural posposto.

(3) Quando *se observam* os parâmetros internacionais⁶

(4) Nesse rol, *citam-se* duas reformas principais⁷

Para efeito de análise de dados, foram controladas construções com as seguintes configurações quanto à predicação verbal: Verbo Transitivo Direto (VTD) + SE + Sintagma Nominal (SN) e Verbo Transitivo Direto e Indireto (VTDI) + SE + Sintagma Nominal (SN), tradicionalmente chamada *voz passiva sintética*. Assumimos o SN posposto como sujeito da oração, daí o enfoque no fenômeno da concordância verbal.

Este estudo adota o referencial teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008), ao considerar a concordância verbal em construções de voz passiva sintética um fenômeno variável, sendo a presença e a ausência da marca de plural do verbo consideradas variantes linguísticas com o mesmo significado referencial (LABOV, 1978).

O texto está organizado em seções que contemplam estudos variacionistas sobre concordância verbal, referencial teórico, procedimentos metodológicos adotados na pesquisa, resultados e discussão dos “achados” do estudo e considerações finais.

2 ESTUDOS VARIACIONISTAS SOBRE CONCORDÂNCIA VERBAL

O estudo sobre o uso variável da concordância verbal no Português Brasileiro (PB) conta com vastos trabalhos já desenvolvidos (GUY, 1981; NARO; SCHERRE, 1991; ANJOS, 1999; SCHERRE; NARO, 2006; BORTONI-RICARDO, 1985; NINA, 1980; SILVA, 2003; COELHO *et al.*, 2006; GALVES, 1993; COSTA; GALVES, 2002; COSTA; SILVA, 2006 para citar apenas alguns). Podemos citar, ainda, os trabalhos variacionistas sobre a análise da concordância verbal no Português Europeu contemporâneo (BAZENGA; VIEIRA, 2013; BRANDÃO; VIEIRA, 2012; MONGUILHOTT, 2010; MONTE, 2012; RUBIO, 2012; VAREJÃO, 2006).

No entanto, quanto à *voz passiva sintética*, é importante ressaltar que enfrentamos dificuldade em encontrar pesquisas sociolinguísticas que tratassem da variação com esse tipo de construção (BARRETO, 2014; BRITO, 2007; LIMA, 2001; MARTINS, 2003; MARTINS, 2004; NUNES, 1990; SANTOS, 2015; SCHERRE, 1999). Tarallo (1989, p. 39) afirma que ao procurar “trabalhos que tratem da voz passiva dentro de uma abordagem quantitativa verifica-se um grande vazio, principalmente em português”. Nessa esteira, notavelmente o caso das construções com *se* sob análise, até o momento em que desenvolvemos este estudo, de certo estaria no rol dos trabalhos pouco contemplados pela perspectiva quantitativa.

Santos (2015, p. 196) comenta que desconhece trabalhos variacionistas que pretendem identificar especialmente o comportamento da flexão de 3ª pessoa do plural com tal construção e revela que existe, inclusive, uma posição metodológica comum a vários estudos sobre concordância de 3ª pessoa do plural, seja em relação ao Português Europeu (PE), seja no tocante ao Português Brasileiro (PB), conforme revela Barreto (2014, p. 30): “a de excluir da coleta de dados a ‘estrutura tradicionalmente chamada de passiva sintética’”.

⁶ Diário do Nordeste, 5 set. 2016.

⁷ O Povo, 22 dez. 2016.

Pautando semelhanças e diferenças entre os trabalhos já realizados sobre a variação de concordância verbal de 3ª pessoa do plural, Barreto (2014, p. 34) aponta como uma “importante observação” o fato de que os autores adotam metodologias semelhantes no tocante aos “contextos estruturais excluídos de cada pesquisa”, dentre os quais está a construção tradicional de voz passiva sintética (BRANDÃO; VIEIRA, 2012; MONGUILHOTT, 2010; VAREJÃO, 2006; BAZENGA; VIEIRA, 2013). Segundo Santos (2015, p. 196), a razão para tal semelhança metodológica é que “construções passivas sintéticas recebem tratamento à parte porque as pesquisas acerca do uso, ou não, do elemento flexional de 3ª pessoa do plural se debruçam sobre sentenças ativas e sobre passivas analíticas”.

Não podemos esquivar-nos do fato de que existe, em língua portuguesa, uma construção de verbo acompanhada de pronome *se*, com um sintagma nominal posposto, em que a realização da concordância não se revela categórica, o que nos motivou, portanto, a desenvolver a análise e descrição linguística desse fenômeno ainda pouco explorado no rol dos estudos da concordância verbal do PB.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Este estudo adota como aporte teórico a Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 2008 [1972]; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006). Consideramos conceitos de variável e variantes, condicionamentos linguísticos e extralinguísticos. A seguir, discorreremos brevemente sobre essas noções.

Enquanto a língua concebida como sistema homogêneo contém somente regras categóricas, ou obrigatórias, ou invariantes, que sempre se aplicam da mesma maneira por todos, a língua compreendida como um sistema heterogêneo comporta, ao lado de regras categóricas, também regras variáveis. Nesse sentido, estas últimas são regras que possibilitam, em certos momentos, em certos contextos (extra)linguísticos, a escolha de uma forma, e, em outros contextos, de outra forma, com o mesmo significado em termos de condições de verdade. O conceito da variável como elemento estrutural torna desnecessário ver flutuações no uso como externas ao sistema, pois o controle de tal variação faz parte da competência linguística dos membros da comunidade de fala (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 123).

Para a Sociolinguística, a natureza do sistema linguístico é a heterogeneidade, a unidade linguística de qualquer nível de análise, que até então tinha sido invariável, discreta e qualitativa, passa a ser variável, contínua e quantitativa (LABOV, 2008). Nesse sentido, a variável linguística é uma entidade que pressupõe formas em competição, podendo ser motivada pela frequência relativa de suas variantes, que são duas ou mais formas alternativas que exprimem uma mesma informação referencial, representam o mesmo estado de coisas.

Ao tratar a natureza inerentemente variável da linguagem humana, Labov (2008) considera que a variação não é um fenômeno aleatório; pelo contrário, é regido por princípios de organização estrutural emanados das próprias regras do sistema linguístico. Trata-se de um dado linguístico natural e observável em contextos específicos de uso. Isto é, o falante reconhece que não existe uma única forma de se expressar, podendo fazer escolhas, adaptações ao contexto imediato durante o ato de fala. E nisso se inclui, como unidade estrutural, o conceito de “variável linguística”, segundo Trask (2011):

Uma variável é algum aspecto do uso para o qual duas ou mais formas concorrentes estão disponíveis numa comunidade, sendo que os falantes mostram diferenças interessantes e significativas na frequência com que usam uma ou outras dessas formas concorrentes (TRASK, 2011, p. 130).

Essas “duas ou mais formas concorrentes” correspondem às “variantes linguísticas”. Para Labov (2008), variantes são duas ou mais formas alternativas que exprimem uma mesma informação referencial, apresentam o mesmo estado de coisas. Tarallo (2007, p. 08) afirma que a um conjunto de variantes dá-se o nome de “variável linguística”. Segundo o autor, essas variáveis subdividem-se em variáveis linguísticas dependentes e independentes.

A variável dependente é o fenômeno que se objetiva estudar, como neste trabalho, a *variação de concordância verbal em construções de voz passiva sintética*; as variantes seriam, então, as formas que estão em competição: a presença ou a ausência da marca morfossintática de plural no verbo em relação ao sintagma nominal posposto (já que nosso foco é a concordância). O uso de uma ou outra variante é influenciado por fatores linguísticos ou extralinguísticos. Tais fatores constituem as *variáveis independentes*.

O estudo parte desses pressupostos teórico-metodológicos, bem como busca investigar quais condições linguísticas e extralinguísticas condicionam a variação em estudo, contemplando o *problema empírico da restrição*, postulado pela Teoria da Variação e Mudança linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006).

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo busca investigar como os jornais cearenses codificam a concordância verbal em construções com passiva sintética e qual a direção, em termos de frequência, da presença de marca de plural no verbo (concordância) e a ausência da marca de plural (sem concordância) na escrita de textos de jornais do Ceará. Busca ainda analisar a atuação de restrições linguísticas e extralinguísticas na realização da marca de plural vs. ausência de marca de plural no verbo de construções passivas sintáticas em relação ao SN.

A fonte de dados são textos dos jornais *O Povo* e *Diário do Nordeste*. A escolha desses jornais deve-se ao fato de eles serem os de maior circulação do Estado e poderem facilmente ser tomados como representativos do português brasileiro padrão, em conformidade com Perini (1985), que afirma encontrarmos nesses textos (jornalísticos) “uma grande uniformidade gramatical”. O autor lembra que é em textos jornalísticos e em textos técnicos que emerge um português-padrão altamente uniforme no País (PERINI, 1985, p. 86-87).

Foram selecionadas 120 edições de cada jornal, num total de 240 edições, durante o período de janeiro a dezembro de 2016. Em cada jornal, foram selecionadas as editorias⁸ que contemplavam textos teoricamente argumentativos, em outras palavras, opinativos, nesse sentido foram considerados editoriais e artigos de opinião. Foram fontes de dados também os textos de natureza mais expositiva (MARCUSCHI, 2002), noticiosos, nesse caso, notícias. O quadro seguinte explicita a relação entre editoria, jornais e gêneros textuais:

Quadro 1 – Editorias e gêneros textuais dos jornais pesquisados

EDITORIAS	O POVO	DIÁRIO DO NORDESTE
	Gênero textual	Gênero textual
Opinião	Editorial	Editorial
Artigos	Artigo de opinião	–
Ideias	–	Artigo de opinião
Economia	Notícia	–
Negócios	–	Notícia

Fonte: autoria própria.

⁸ Conjunto das seções de um jornal, revista etc. sob o comando de um editor (HOUAISS, 2009, p. 269).

O quadro acima explicita a fonte da nossa base de dados correlacionando as editorias dos jornais pesquisados e os respectivos gêneros textuais selecionados para compor a amostra da pesquisa. Os jornais apresentam editorias diferentes, observe que no jornal Diário do Nordeste o artigo de opinião está contemplado na editoria denominada Ideias e no Jornal o Povo, na editoria Artigo de opinião. O gênero notícia foi coletado da editoria Economia, no jornal O Povo, e no jornal Diário do Nordeste da editoria Negócios.

É importante destacar que, em cada jornal, a quantidade de textos disponíveis em cada editoria é diferente: por exemplo, a editoria *Opinião*, do *Diário do Nordeste*, apresenta um texto de *editorial* e dois textos de *artigos de opinião*, e isso pode acarretar resultados enviesados em relação ao grupo de fatores extralinguísticos. Para estabelecer uma equiparação mais razoável, em decorrência da “confiabilidade dos dados” (GUY; ZILLES, 2007) no procedimento de coleta, consideramos o volume de palavras por texto, de cada jornal, totalizando uma média de 600 palavras.

Os dados foram selecionados e coletados dessa massa textual, considerando exclusivamente os gêneros textuais editorial, artigo de opinião e notícia. Os gêneros textuais caracterizam-se pela materialização dos textos em situações comunicativas, variando de acordo com a sua funcionalidade. Segundo Bagno (2011), uma das formas para detectar a instalação de uma inovação linguística é analisando seu avanço gradual desde os gêneros orais menos monitorados até os gêneros escritos mais monitorados. Neste trabalho, escolhemos a escrita monitorada, representada por gêneros do domínio jornalístico, pois acreditamos que “a natureza mais conservadora da escrita não impede que formas mais próprias da modalidade oral encontrem guarida nos textos escritos, mesmo naqueles de maior formalidade” (PAIVA; SILVA, 2012, p. 751). Selecionamos os gêneros *editorial*, *artigo de opinião* e *notícia*, supostamente mais formais, sem que isso obste, em nosso entendimento, haver filtros normativos operando de forma diferenciada em cada gênero.

VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS

As variáveis linguísticas independentes controladas na pesquisa (cf. MAGALHÃES, 2018) foram: predicação verbal; forma verbal (finita, infinitiva e perifrástica); tipo sintático-semântico do verbo (estado, processo, ação, ação-processo); material interveniente entre verbo e sintagma nominal posposto (ausência e presença); animacidade do sintagma nominal posposto (animado e não animado); estatuto informacional do sintagma nominal posposto (dado e novo). No entanto, serão apresentados resultados e discussão apenas dos grupos de fatores *forma verbal* e *gêneros textuais*, selecionados significativamente pelo Goldvarb X.

O grupo de fatores *forma do verbo* é constituído por verbos na forma simples (finita e infinitiva) e perifrástica. Tomamos como forma simples finita “aquela que se caracteriza pela adição de categorias verbais que constituem a flexão verbal: pessoa, número, tempo e modo” (SAID ALI, 1964, p. 68):

(5) Quando *se observam* os parâmetros internacionais⁹

Foram controlados verbos na forma simples infinitiva pessoal,¹⁰ que, segundo Haug (2014, p. 843), “caracteriza-se por não compor construção perifrástica e por se referir sempre a

⁹ Diário do Nordeste, 5 set. 2016.

¹⁰ Os dados controlados foram somente de verbos na forma *infinitiva pessoal*.

um sujeito, determinado ou indeterminado, expresso ou não, igual ou diferente do verbo da oração subordinante”.

(6) A urgência de *se aprovar* leis imprescindíveis¹¹

Consideramos como forma perifrástica aquela que “tem seu núcleo preenchido por verbo pleno numa forma nominal, especificado por um verbo auxiliar” (CASTILHO, 2014, p. 408). Nesse mesmo sentido, designamos “a forma gramatical perifrástica, em que um vocábulo auxiliar toma a si a expressão das noções gramaticais, ou significação interna, deixando a significação externa para se expressar pelo outro vocábulo, dito principal” (CÂMARA JÚNIOR, 1985, p. 191). As formas perifrásticas mais recorrentes na amostra se apresentaram com os verbos auxiliares modais *poder* e *dever*. Seguem duas ocorrências dessa forma verbal extraídas do *corpus*:

(7) [...] *pode-se identificar alguns*¹²

(8) [...] *devem-se incentivar iniciativas* como o Programa de Adoção de Praças e Áreas Verdes¹³

VARIÁVEIS EXTRALINGUÍSTICAS

As variáveis extralinguísticas do estudo foram: jornal (O Povo e Diário do Nordeste) e gênero textual (editorial, artigo de opinião, notícia). A seção de resultados contemplará a descrição e análise de dados apenas da variável independente gênero textual, selecionada significativamente pelo GoldVarb X.

Com base nas definições de Marcuschi (2002), selecionamos gêneros textuais constituídos por sequências discursivas argumentativas, por um lado: *editoriais* e *artigos de opinião*. Por outro, optamos pelo gênero textual *notícias*, em cuja composição prevalecem sequências informativas ou expositivas.

Apesar de considerarmos que supostamente os gêneros textuais jornalísticos *editorial*, *artigo de opinião* e *notícias* primem pelo emprego da norma culta da língua, a escolha deste grupo de fatores parte da hipótese de haver um *continuum* de monitoramento entre eles, de modo que a variante sem marca explícita de plural no verbo encontre guarida naquele que seja mais receptivo a inovações linguísticas em relação ao que prescreve a tradição normativa, isto é, a forma que não realiza a concordância verbal.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS GRUPOS DE FATORES ESTATISTICAMENTE SIGNIFICATIVOS PARA A AUSÊNCIA DA CONCORDÂNCIA VERBAL EM CONSTRUÇÕES DE VOZ PASSIVA SINTÉTICA

Os dados foram submetidos à análise estatística por meio da ferramenta *Goldvarb X* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), que calcula frequências e pesos relativos, atestando maior ou menor significância dos grupos de fatores em relação às variantes.

¹¹ Diário do Nordeste, 4 fev. 2016, Editorial.

¹² O Povo, 22 mar. 2016, Artigo de Opinião.

¹³ Diário do Nordeste, 27 maio 2016, Editorial.

O que nos chama à atenção, de início, é a quantidade de ocorrências do fenômeno variável – 121 dados.¹⁴ Labov (1982, p. 31), no tocante à variação sintática, reconhece a dificuldade da coleta desse tipo de variação, ao admitir que “a mudança sintática ou é mais difícil de ser observada ou é mais lenta ou menos comum do que as mudanças nos padrões fônicos e mórficos”. Ainda que sejam poucos dados, a variação na concordância verbal em construções de voz passiva sintética é atestada na esfera jornalística cearense, como demonstra a Tabela 1.

Tabela 1 – Distribuição geral da ausência e da presença da marca de plural do verbo da construção de voz passiva sintética escrita em jornais cearenses

VARIANTES	APLICAÇÃO/TOTAL	%
Presença de marca de plural	72/121	59,5%
Ausência de marca de plural	49/121	40,5%
Total	121/121	100%

Fonte: dados da pesquisa.

Os resultados indicam 59,5% (cf. Tabela 1) de marca de plural no verbo concordando com o SN plural posposto (*se observam* os parâmetros internacionais), confirmando a natureza conservadora da escrita monitorada. Era essa a nossa expectativa, especialmente, em construções passivas sintéticas com estrutura VS (Verbo-Sujeito), ordem não canônica na língua portuguesa (SVO Sujeito-Verbo-Objeto é a ordem recorrente) e vista como “ordem excepcional, pouco frequente, por isso marcada” (PEZATTI, 2014, p. 38).

Ainda que estejamos lidando com poucos dados (121 ocorrências no total), consideramos alta a frequência (40,5%) de verbos sem marca explícita de plural (nesse texto *se garante* as conquistas sociais) quando o SN posposto ocorre no plural, em textos escritos monitorados, supostamente revisados pelos autores.

A seguir, apresentamos os dois grupos de fatores selecionados significativamente pelo *Goldvarb X*. A análise tomou como variante de referência a ausência da marca de plural no verbo em relação ao SN plural posposto. O programa *Goldvarb X* selecionou os grupos de fatores: *forma do verbo e gêneros textuais*.

Nossa hipótese considerou que o grupo de fatores *forma do verbo* teria significativa relevância para os propósitos deste trabalho, haja vista ser de natureza estrutural e nosso objeto estar relacionado à variação no nível sintático da concordância. A seguir, temos os resultados para cada forma verbal:

Tabela 2 – Efeito da forma verbal na ausência de marca explícita de plural do verbo em construções de voz passiva sintética na escrita de jornais cearenses

FORMA VERBAL	APLICAÇÃO TOTAL	%	PESO RELATIVO
Perifrástica	9/11	82%	0,919
Infinitiva	24/30	80%	0,866
Finita	16/80	20%	0,262w

Fonte: dados da pesquisa.

¹⁶ Outros trabalhos, de natureza não essencialmente variacionista, revelam também um cenário modesto quanto ao número de ocorrências desse fenômeno, a saber: Nunes (1990) encontrou 164 dados; Martins (2003), 128 dados; Martins (2004), 135 dados; Brito (2007), 22 dados; Santos (2015), 81 dados.

Os resultados da Tabela 2 confirmam nossa hipótese quanto à atuação da forma do verbo na concordância verbal. As formas perifrásticas (0,919) e as formas infinitivas (0,866) favorecem a ausência de marca de plural em construções de voz passiva sintética, resultado que se aproxima ao encontrado por Nunes (1990). Nunes (1990) utilizou, como *corpus* linguístico para mapear um percurso diacrônico com essa construção, cartas, diários e documentos, no período entre 1555 e 1989. O autor demonstra que, ao longo desse período, as formas perifrásticas tendem a favorecer a não realização da concordância entre o verbo e o SN posposto. A seguir, os excertos retirados da nossa amostra ilustram esses ambientes sintáticos:

(9) [...] a partir de certa idade, *não se podeØ perder os amigos*¹⁵

Portanto, a ausência de marca de plural é favorecida, preferencialmente, por verbos em estrutura de perífrase, que, comparados com formas verbais finitas (formas mais frequentes na amostra 66,6%), apresentam mais elementos estruturais em sua configuração, conseqüentemente, atualizam maior quantidade de informação, configuração verbal marcada, nos termos de Givón (1995), ou seja, mais complexidade estrutural (estrutura extensa, constituída por duas ou mais formas verbais).

A forma *infinitiva* (0.866) também favoreceu a não concordância verbo-sujeito.

(10) A urgência de *se aprovarØ leis imprescindíveis*¹⁶

As formas verbais *finitas* desfavorecem a ausência de marca de plural (0,262), ou seja, favorecem a concordância verbal.

(11) Quando *se observam* os parâmetros internacionais¹⁷

Interessante observar que nem todos os compêndios gramaticais (ALMEIDA, 2005; BECHARA, 2005; CUNHA; CINTRA, 1985; HAUY, 2014; KURY, 1990; LUFT, 1988; PEREIRA, 1949; (LIMA, 1999) mencionam a possibilidade de a voz passiva sintética ser estruturada com outras formas, além das *finitas*. E quando o fazem, restringem-se a meras observações. Referindo-se à construção passiva sintética com as formas perifrásticas, Hauy (2014, p. 947-948), afirma que “com os verbos *poder* e *dever* a concordância é indiferente”. Bechara (2005, p. 563) ressalta que “prática mais generalizada é considerar [...] que *poder* e *dever* concordem com o sujeito plural. [...] Todavia aparece o singular, corretamente: ‘[...] que se *deve* celebrar os sucessos felizes’” (BECHARA, 2005, p. 564).

Em se tratando de construções passivas sintéticas com as formas *infinitivas*, de um modo geral, carecem os compêndios gramaticais de explicações mais categóricas quanto à realização ou não da concordância verbal com esse tipo de forma verbal. Observa-se menor rigor normativo empregado às formas *perifrásticas* e *infinitivas*, em comparação às *finitas*. Estas, nos materiais gramaticais consultados, são contempladas com destaque para a realização obrigatória da concordância verbal, enquanto aquelas, podemos dizer, parecem não lograr do mesmo cuidado normativo.

¹⁵ O Povo, 4 abr. 2016, Artigo de Opinião.

¹⁶ Diário do Nordeste, 4 fev. 2016, Editorial.

¹⁷ Diário do Nordeste, 5 set. 2016.

Quanto à variável extralinguística *gêneros textuais*, nossa hipótese era de que a variante sem marca explícita de plural no verbo fosse mais recorrente em gêneros textuais supostamente menos sujeitos à revisão gramatical no jornal. Os resultados podem ser consultados na tabela abaixo:

Tabela 3 – Atuação dos gêneros textuais na ausência de marca explícita de plural no verbo em construções de voz passiva sintética escritas em jornais do Ceará

GÊNEROS TEXTUAIS	APLICAÇÃO/TOTAL	%	PESO RELATIVO
Notícia	20/35	57.1%	0,724
Artigo de Opinião	18/48	37.5%	0,494
Editorial	11/38	28.9%	0,297

Fonte: dados da pesquisa.

Em termos totais, o gênero notícia favorece a **ausência** da marca morfossintática de plural (0,724) e os gêneros artigo de opinião (0,494) e editorial (0,297) desfavorecem essa ausência, mostrando-se ambientes desfavoráveis à não concordância verbal.

Os resultados indicam o gênero textual *notícia* como o ambiente textual favorecedor da **não** concordância verbo-sujeito em construções de voz passiva sintética. Acreditamos que isso esteja relacionado à natureza desse gênero, informativa (MARCUSCHI, 2001), teoricamente menos revisado, portanto, supostamente mais sensível à entrada de variações linguísticas. Ainda que o número de ocorrências da pesquisa seja baixo (121 dados), o cruzamento das formas verbais *versus* gênero textual (MAGALHÃES, 2018, p. 109) mostra que o gênero notícia favoreceu categoricamente a ausência de marca de plural em construções passivas sintéticas com verbo constituinte nas formas perifrástica (2 dados) e infinitiva (11 dados). No editorial, a ausência de marca nessas formas verbais é de 67% (forma perifrástica) e 57% (forma infinitiva), o que pode ser um indicador de resistência desse gênero textual à não concordância.

Lima (2001), abordando o mesmo tema, contemplou em seu *corpus* três editorias do jornal *Folha de São Paulo: Esportes, Mundo e Opinião*. Com base nesses cadernos, a pesquisa apresentou um resultado interessante: na editoria *Esportes*, houve uma predominância da variante que não realiza a concordância verbal; nas outras duas, a variante que mantém a concordância. Isso certamente pode indicar que situações de escrita mais ou menos monitorada podem resultar na frequência de uso de uma e outra variante relativa à concordância verbal.

O *artigo de opinião* (0,494) e o *editorial* (0,297) apresentaram pesos relativos abaixo do ponto neutro, sugerindo uma certa resistência a não concordância verbal e maior associação com a prescrição normativa. Paiva e Silva (2012, p. 753), ao comparar diferentes gêneros da escrita, afirmam que “desde cartas pessoais até gêneros jornalísticos mais formais (editoriais), constata-se maior conformidade dos gêneros editorial e artigo de opinião à orientação normativa”.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em termos totais, 59,5% das ocorrências estão associadas à presença de marca explícita de plural e 40,5% à ausência de marca explícita de plural na escrita jornalística cearense, ressaltando a natureza conservadora da escrita jornalística.

Os resultados da análise quantitativa dos dados mostraram que os grupos de fatores mais significativos para o favorecimento da ausência de marca explícita de plural nos verbos das construções passivas sintéticas nos textos jornalísticos cearenses foram: *forma verbal*, com destaque à forma *perifrástica* (PR. 0.919) e à forma *infinitiva* (PR. 0.816), e *gênero textual notícia* (PR. 0.724).

As formas verbais perifrásticas foram menos frequentes na amostra (9% dos dados), apresentam uma configuração estrutural mais complexa (é formada por duas ou mais formas verbais), conseqüentemente, atualizam maior quantidade de informação. Nossa hipótese é de que essa configuração estrutural associada à ordem não canônica VS da construção favorece o apagamento da marca de plural do verbo da construção de voz passiva sintética.

O gênero *notícia*, supostamente, menos monitorado normativamente, mostrou-se mais favorável ao apagamento da marca de plural, resultado também encontrado por Lima (2001), em cuja pesquisa houve mais predominância de ausência de marca flexional no verbo com a editoria *Esporte*, constituída essencialmente por textos noticiosos.

Ainda que o número de ocorrências não seja robusto (121 dados), o estudo oferece uma fotografia acerca da concordância verbal em construções passivas sintéticas na escrita de jornais do Ceará, descortinando tendências da variação sintática estudada na escrita jornalística cearense.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, N. M. de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 2005.
- ANJOS, S. E. *Um estudo variacionista da concordância verbo-sujeito na fala dos pessoenses*. 1999. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1999.
- BAGNO, M. *A norma oculta*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAGNO, M. *Não é errado falar assim! Em defesa do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- BAGNO, M. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- BARRETO, F. V. V. *A concordância verbal de 3ª pessoa do plural no português europeu*. 2014. 125 f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Programa de Pós-Graduação em Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.
- BAZENGA, A.; VIEIRA, S. R. Patterns of third person verbal agreement. *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 12, n. 2, p. 7-50, 2013. Disponível em: <https://jpl.letras.ulisboa.pt/articles/abstract/10.5334/jpl.67/>. Acesso em: 2 jun. 2021.
- BECHARA, E. *Lições de português pela análise sintática*. 10. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *The urbanization of rural dialect speakers: a sociolinguistic study in Brazil*. New York: Cambridge University Press, 1985.
- BRANDAO, S. F.; VIEIRA, S. R. Concordância nominal e verbal no Português do Brasil e no Português de São Tomé: uma abordagem sociolinguística. *Papia*, Brasília, v. 22, p. 7-39. 2012. Disponível em: <http://www.revistas.flech.usp.br/papia/article/viewFile/1681/1492>. Acesso em: 2 jun. 2021.
- BRITO, S. S. SE passivo?: pela derrubada da concordância com a qual ninguém concorda. 2007. 142 f., il. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2007. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/3098>. Acesso em: 2 jun. 2021.
- CÂMARA JÚNIOR, J. M. *Dicionário de linguística e gramática*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.
- CASTILHO, A. T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014.

- COELHO, I. L.; MONGUILHOTT, I. de O e S.; MARTINS, M. A.; COSTA, S.; SILVA, G. M. O estatuto das construções monoargumentais no PB: por trás das frequências. In: VANDRESEN, P. (org.). *Variação, mudança e contato lingüístico no Português da Região Sul*. Pelotas: Educat, 2006. p. 205-225. Disponível em: file:///Users/hebemacedo/Downloads/Vario_Mudana_e_Contato_Lingustico_no_Portugus_da_Regio_Sul_2006_-_COELH.pdf. Acesso em: 2 jun. 2021.
- COSTA, J.; GALVES, C. External subjects in two varieties of Portuguese: evidence for a non-unified analysis. In: BEYSSADE, C.; BOK-BENNEMA, R.; DRIJKONINGEN, F.; MONACHESI, P. (ed.). *Romance Languages and Linguistic Theory 2000*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co., 2002. p. 109-125.
- COSTA, J.; SILVA, M. C. F. Nominal and verbal agreement in Portuguese: an argument for Distributed Morphology. In: COSTA, J.; SILVA, M. C. F. (ed.). *Studies on agrément: linguistics today*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co., 2006. v. 86, p. 25-46.
- CUNHA, C. F. da; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- FARACO, C. A. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- GALVES, C. Preenchedores sintáticos nas fronteiras de constituintes. In: CASTILHO, A. de (org.). *Gramática do português falado: as abordagens*. Campinas: Unicamp, 1993. v. III, p. 235-271.
- GUY, G. R. *Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax, and language history*. Ann Arbor: University Microfilms International, 1981.
- GUY, G.; ZILLES, A. M. S. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- HAUY, A. B. *Gramática da Língua Portuguesa Padrão*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014.
- HOUAISS, A. *Míni Houaiss Dicionário da Língua Portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- KURY, A. da G. *Novas lições de análise sintática*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1990.
- LABOV, W. Building on Empirical Foundations. In: LEAHMAN, W.; MALKIEL, Y. (org.). *Perspectives on Historical Linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1982.
- LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LABOV, W. Where does the Linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. *Sociolinguistic Working Papers*, 1978, p. 43-88
- LIMA, B. A. F. *Contrastes semânticos entre as vozes verbais: “Passiva Sintética” e “Passiva Analítica”*. Viçosa: UFV, 2001. (Relatório de pesquisa CNPq).
- LIMA, C. H. da R. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.
- LUFT, C. P. *Gramática resumida*. Rio de Janeiro: Globo, 1988.
- MAGALHÃES, H. L. P. *Análise sociofuncionalista da variação de concordância verbal em construções de voz passiva sintética em textos jornalísticos cearenses*. 2018. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

- MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Â. *et al. Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- MARTINS, A. M. Construções com *se*: mudança e variação no português europeu. In: CASTRO, I.; DUARTE, I. *Razões e emoção: miscelânea de estudos em homenagem a Maria H. M.* Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2003. v. 2.
- MARTINS, E. F. *Variação e mudança linguística na análise da dita voz passiva sintética em português*. 2004. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2004.
- MONGUILHOTT, I. de O. e S. Variação de concordância verbal de terceira pessoa do plural no PB e no PE. In: ENCONTRO DO CELSUL, 9., 2010, Palhoça/SC. *Anais [...]*. Palhoça: Universidade de Santa Catarina, 2010.
- MONTE, A. *Concordância verbal e variação: um estudo descritivo-comparativo do Português Brasileiro e do Português Europeu*. 2012. 173 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, Faculdade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara/SP, 2012.
- NARO, A. J.; SCHERRE, M. M. P. Variação e mudança linguística: fluxos e contrafluxos de fala. In: SILVA, G. M.; TARALLO, F. (org.). *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 20, p. 9-16, 1991.
- NINA, T. *Concordância nominal/verbal do analfabeto na micro-região de Bragantina*. 1980. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica, Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1980.
- NUNES, J. de M. *O famigerado Se: uma análise sincrônica e diacrônica das construções com Se apassivador e indeterminador*. 1990. 172 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 1990.
- PAIVA, M. da C. de; SILVA, V. L. P. Cumprindo uma pauta de trabalho: contribuições recentes do PEUL. *Alfa*, São Paulo, v. 56, n. 3, p. 739-770, 2012.
- PEREIRA, E. C. *Gramática expositiva: curso superior*. São Paulo: Nacional, 1949.
- PERINI, M. A. *Para uma nova gramática do português*. São Paulo: Ática, 1985.
- PEZATTI, E. G. *A ordem das palavras no português*. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- RUBIO, C. F. *Padrões de concordância verbal e de alternância pronominal no Português Brasileiro e Europeu: estudo sociolinguístico comparativo*. 2012. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, São Paulo, 2012.
- SAID ALI, M. *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*. 3. ed. Brasília: UnB, 1964.
- SANTOS, Â. M. B. dos. Uso do elemento flexional de 3ª pessoa do plural em construções com *se* nas variedades europeia e santomense do português. *Cadernos de La Alfa*, n.7, p. 195-209, março 2015. Disponível em: http://www.mundoalfal.org/sites/default/files/revista/07_cuaderno_012.pdf. Acesso em: 2 jun. 2021.

SCHERRE, M. M. P. *Preconceito linguístico: do-a-se lindos filhotes de Poodle: variação linguística, mídia e preconceito*. São Paulo: Parábola Editorial, 1999.

SCHERRE, M. M. P. A norma do imperativo e o imperativo da norma: uma reflexão sociolinguística sobre o conceito de erro. In: BAGNO, M. (org.). *Linguística da norma*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Mudança sem mudança: a concordância de número no português brasileiro. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 9, n. 18, p. 107-129, 2006.

SILVA, J. A. A. da. *A concordância verbal no português afro-brasileiro: um estudo sociolinguístico de três comunidades rurais do Estado da Bahia*. 2003. 254 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

TARALLO, F. *Fotografias sociolinguísticas*. São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, 1989.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

TRASK, R. L. *Dicionário de linguagem e linguística*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

VAREJÃO, F. de O. A. *Variação em estruturas de concordância verbal e em estratégias de relativização no português europeu popular*. 2006. 196 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

JORNAIS

Diário do Nordeste, 10 ago. 2016.

O Povo, 1 out. 2016.

Diário do Nordeste, 5 set. 2016.

O Povo, 22 dez. 2016.

Diário do Nordeste, 4 fev. 2016, Editorial.

O Povo, 22 mar. 2016, Artigo de Opinião.

Diário do Nordeste, 27 maio 2016, Editorial.

O Povo, 4 abr. 2016, Artigo de Opinião.